1ª EDIÇÃO | AGOSTO`23

FADISTA

www.fadocale.pt

FOTOGRAFIA : COLEÇÃO CELESTE RODRIGUES

Celeste Rodrigues

Museu do Fado homenageia fadista no seu centenário.

ENTREVISTAS

JORGE FERNANDO P.4

CUSTÓDIO CASTELO P.14

TEMA

GUITARRA PORTUGUESA, POR ÓSCAR CARDOSO P.7

FACALE DO

JORNAL DO FUNDÃO

PUB

Montepio SAÚDE

Seguimos a sua saúde de perto

Saúde, qualidade de vida e bem estar dependem do equilíbrio entre o corpo e a mente. Por isso, e para que os nossos associados usufruam dos melhores serviços e cuidados de saúde, desenvolvemos soluções especializadas, prontas a responder a todas as fases da vida.
Do Plano Montepio Saúde aos cuidados prestados pela Residências Montepio, passando pelo apoio domiciliário ou pela teleassistência, reunimos respostas completas que podem fazer muito por si e pelos seus.

Montepio
Associação Mutualista
Juntos por todos

Saiba tudo em
montepio.org/saude

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS . DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-02 Lisboa

CRÓNICA

CARLOS LEITÃO

O NOME DO FADO

Fadista

Celeste é nome de fado, mas o que quer isso dizer? Não sei e não estou muito preocupado com quem (acha que) sabe. O fado é para sentir, e não para se explicar.

Desde sempre, a palavra "fadista" tem, entre outros, contornos pejorativos que senti na pele quando alguns dos afiáveis sogros das minhas deambulações amorosas me colavam à boémia, à luxúria e ao deboche, assegurando às filhas os perigos eminentes de se enrolarem com um "fadista". Infames maledicentes!

Creio que as palavras são o que são, é como os nomes próprios, Rodrigo ou Maria não são melhores que Joseberto ou Hermengarda, é o que é, e ser-se fadista é muito mais do que a palavra e as suas várias conotações, e descansem que não vou resvalar para a vulgaridade do "é um estado de alma" ou "uma maneira de estar na vida". Mas, afinal, o que é?

A sua definição não mora em dicionários ou nos calhamaços do Círculo de Leitores que me entraram casa adentro na meninice quando o fado era, aos meus imberbes olhos, enfiar as mãos nos bolsos, apertar o pescoço numa gravata, sofrer, pregar um xaile negro aos ombros das velhas e das novas, e cantar a saudade de fragatas e canoas, mais todo um rol de imagens que tal como eu, a maioria dos que aqui me lerem simplesmente não viveu.

Há uma busca incessante do Santo Graal a que a globalizada tribo do fado acorre, a cada Fado Menor. Ei-lo, ali está sempre o fado inteiro, a arrebentar as entranhas e o coração, e depois o Mouraria, o Corrido, Santa Trindade Popular de uma Lisboa antiga que já namora os franceses, de linguado. Desde que o coração comande a verdade, o fado pode ser o que se quiser, não é um estanque meridional que divida o Bem do Mal, mas antes uma paleta de cores que para uns podem ser mortiças e, para outros, viçosas, menor ou maior.

Aproveitemos os 50 anos de democracia que aí vêm para burilar o que falta e dispensemos o intrépido templarismo da religiosidade fadista. *Deixemos a pele arrepiar-se quando o sabor for a excelência, e pronto, sem mais explicações, como tanto me aconteceu a ver, a ouvir, a viver a Celeste Rodrigues.* Sem maternalismos bacocos, mulher simples de trato simples e sentido de humor requintadíssimo, olhar no futuro, ali não havia manias, e tudo isso foi (e é) inspirador.

Se ao dia de hoje a origem inequívoca do fado não é definível, então encaixo aqui Carlos Drummond de Andrade, porque "eu apenas sinto, muito".

Quis-se que a primeira capa desta nova "Fadista" fosse a celestial Celeste, e muito me orgulho eu de ser parte da debutante edição. A Celeste foi o fado sem o tratar como seu, e talvez seja esta a sua melhor definição.

O resto será sempre apenas música.

FADISTA Nº1

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão
Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco
Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto
Design e paginação: Diogo Pinto e Jorge Chorão
Edição: Rui Pelejão
Textos: Carlos Leitão, Tiago Correia, Óscar Cardoso, Sara Pereira, Diogo Varela Silva, Pedro de Castro, Teresinha Landeiro, Leonel Barata, Teresa Fonseca, António Fernandes, António Vicente e Pedro Vaz
Tiragem: 8000 exemplares
Impressão: Grafisol | Encarte com Jornal do Fundão

Esta publicação não pode ser vendida separadamente da edição nº de 31 de agosto de 2023

Contactos Jornal do Fundão:
Morada: Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c , 6230-496 Fundão. Tel.: 275779350. Email: redaccao@jornaldofundao.pt. Website: www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

MUSEU DO FADO | SARA PEREIRA 8
CELESTE RODRIGUES | DIOGO VARELA SILVA 9
HISTÓRIAS | PEDRO DE CASTRO 10
ESCRITA | TERESINHA LANDEIRO 11
CASA DE FADOS | CASA DE LINHARES 12
ENSINO | IPCB – ESART 16
COIMBRA | ANTÓNIO VICENTE 18
VIVER AMÁLIA | PEDRO VAZ 20
PROGRAMA | FESTIVAL SANTA CASA ALFAMA 21
CASAS DE FADO | CONTACTOS 22

CARREIRA

JORGE FERNANDO

Musico, compositor e produtor

O segredo da arte é o bom gosto”

Ouvirmos o Jorge Fernando é como iniciarmos o percurso numa ponte que separa o tempo a que pertencemos, dum outro tempo tão belo, tão fascinante e que muitos de nós não assistiram. Encontramos o Jorge no meio, como alicerce fundamental dessa ponte entre dois tempos. Com a sua conhecida boa disposição recebe-nos de braços abertos e leva-nos numa viagem entre o passado e o futuro da música portuguesa

Fotos: Rodrigo Simas

Por TIAGO CORREIA | Fadista

Aos 5 anos já passavas as tardes ao lado do avô músico, a cantar na Rua Ferreira Borges, enquanto ele tocava. Que fados cantavas?

Dois fados do César Morgado, o “Telegrama” e o “Lá vai Lisboa”. Era um miúdo, mas naquele tempo a cultura era um bem preservado pelos portugueses. Eu ouvia música portuguesa de manhã à noite. Ouvia rádio antes de ir para a escola, durante a escola...

Conheceste logo alguns fadistas nesse período de infância?

Sim no Casalense, no Casal Ventoso. Lembro-me do colo do Fernando Farinha, do Natalino Duarte.

Então foste absorvendo, de criança, o bom gosto da forma de cantar de inúmeros fadistas?

O bom gosto é, para mim, o mais importante na música. Há um documentário da Amália que nos diz isso. Eu andava sempre à procura de explicar e nunca conseguia até que depois de ver esse documentário, pensei “é isto que eu ando a procura de dizer”. Amália diz então esta frase: “Mais importante que a voz que deus me deu, é o bom gosto que eu tenho”. O segredo da arte é o bom gosto. Que interessa alguém ter uma grande voz, se não se fizer nada de bonito com ela. Se ao estilar-se um fado, mudarmos uma frase musical que fique pior então está-se a fazer um mau trabalho. Não está ao alcance de todos os génios como o Fernando Maurício de mudar para melhor. E assim como disse também o Carlos do Carmo numa entrevista ao perguntarem-lhe o que é que aconselha a quem está a começar? Ele respondeu “Primeiro que tudo que cantem as melodias dos fados”. Quando se compõe há o objetivo de que a frase que se deixa no ar, vá encadear com a próxima e assim sucessivamente num jogo com a harmonia, para que a melodia seja interessante ou não. E a prova é que quem está na história não improvisava. *Basta escutar a Lucília do Carmo ou o génio que foi o Maurício, que fazia contracantos, e dava o jeito à frase em função do poema, não descaracterizando a melodia.* Por isso foi o maior génio que conheci na vida. O fado é uma questão de alma, não é de voltas. Por isso é que se ouve a Amália a cantar o Summer Time, e sentimos que aquilo é fado. O Camané a cantar com Xutos e Pontapés e a voz dele é de um fadista. Porque o fado é uma questão de alma e não é possível desligar-nos da alma.

Quando é que a palavra começa a aparecer, como uma fonte de gosto para se escrever poemas?
Comecei a escrever com 13 anos, mas coisas soltas, e andava a distribuir folhetos do Partido Comunista. Na época o Barreiro era o bastião do Partido. Todos aqueles que eram contra a ditadura eram comunistas. E então escrevia aquelas coisas "Liberdade, Liberdade, Liberdade". Depois aos 13, 14 anos, andei nos bailes que foram uma grande escola porque tocava desde Pink Floyd a Roberto Carlos e isso dá uma grande bagagem.
E isso também foi uma ferramenta importante para conseguires ser uma ponte entre o passado e o futuro?
Eu acho que essa foi a grande ferramenta porque me abriu a mente em termos de espectro musical, porque se pensarmos bem, a música é uma coisa muito lata, a nossa mente é que é estreita e as vezes é mesmo afunilada. Procuramos muitos obstáculos onde não devem existir. A música é uma coisa livre, não tem fronteiras.
E qual foi o teu primeiro tema?
O primeiro tema que fiz foi a Trigueirinha. Gostei muito do poema do António Vilar da Costa que o António Mourão gravou. Eu gostava da ideia da Trigueirinha. Porque me lembrava a mulher que trabalhava no Alentejo debaixo do sol. E embora gostasse da música do Arlindo Carvalho, não a achava apropriada para as palavras. Pensei que gostaria de ouvi-la a soar mais a fado do que a folclore. Comecei a trautear a melodia que pensei. Fiz isto com 15 anos e o primeiro disco que gravo com 18 já tem este tema. Disse ao António Chainho: "Eu tenho estes versos do António Vilar da Costa que o Mourão gravou com esta música. Mas eu canto num improviso por cima do fado Corrido. E o Chainho disse-me: "Então cante lá". Cantei e ele respondeu-me: "Mas isto não é improviso, isto é um fado e é de sua autoria, pois tem frases distintas melódicas". E esse foi o primeiro, mas nessa altura eu escrevia mais do que compunha. Com 16, 17 anos quando escrevo o "Boa Noite Solidão" já tinha dado ao Maurício os temas "Amigo João" e "Esta noite não". É então quando ele entra em desamor com uma fadista que me pediu para fazer uns versos em relação àquilo que estava a acontecer e eu escrevi-lhe o "Boa Noite Solidão" que faz este ano 50 anos e que terá o concerto de comemoração no Tivoli BBVA.
Conheceste o Maurício em que altura?
Conheci com quinze anos, numa tarde de domingo numa churrasqueira no Barreiro que dava matinés de fado, e a garagem onde eu ensaiava com a banda era atrás da churrasqueira. Daí entra-nos um fulano e diz: "Eh pá está cá o rei do fado". E fiquei curioso e quis ir ouvir. Fiquei tão impressionado com a sua voz. Era um génio. Acabei por ficar o resto do dia por lá e à noite ainda peguei numa viola porque estava lá o Carlos Gonçalves a tocar guitarra. E ficaram admirados porque perceberam que eu tocava fado. E a partir desse dia, o Carlos Gonçalves e eu começámos logo a tocar juntos e o Conjunto de Baile acabou ali.
Uma das coisas mais importantes do teu percurso foi o cruzamento de gerações entre o passado e o futuro. Uma das pessoas que te ajudou a desbloquear essa perspetiva de fazer futuro, foi o Alcino Frazão?
Sim nós começámos a tocar juntos aos 17 e o Alcino já era um caso sério. De tal maneira que muitos guitarristas hoje tocam como o Alcino Frazão, mas pouca gente dá por isso. Era um guitarrista incrível.

Foto: Jenniffer Lima Pais

O que é que achas que ele trazia de novo, na abordagem guitarrística?
Antigamente o modo de acompanhar era diferente. Um guitarrista não tocava em cima da voz, mas tocavam não confundindo as notas do que se estava a cantar. *O Alcino veio fazer outra coisa, veio parar de tocar. Porque não deve haver uma discussão entre o Guitarrista e a voz. É muita informação.* Ouvir por exemplo o André Dias nos discos, é um luxo. Ele tem a capacidade de estar calado, não é uma massa sonora do princípio ao fim. Isso estraga. A música é a mistura do som com o silêncio. O Alcino é o primeiro guitarrista que traz esse silêncio e o espaço certo para a sua música entrar. Há guitarristas que não se dão bem com o silêncio.
Deixas de tocar com o Alcino quando passas a ser músico da Amália Rodrigues, quantos anos estiveste a tocar para a Amália?
Seguidos, estive seis anos, mas depois tive que deixar de fazer em Portugal. Porque eu em 1983 já tinha tido algum êxito com as "Rosas Brancas para o meu amor". E em 1985 sai o Umbadá. Porque era desagradável, a Amália estar a cantar e eu atrás a tocar e a pedirem o Umbadá.

Ter a sorte de Descobrir e conhecer o interior da alma de Amália de forma tão próxima muda a vida de qualquer pessoa?
Estava tudo ali. Há frases da Amália que me perseguem a vida toda. E sem que eu desse por isso porque tinha vinte anos e ainda estava a formar carácter. De tal maneira que a pessoa que está hoje a falar contigo não seria a mesma se não tivesse passado por ela.
Tinha uma inteligência como eu nunca vi.
Além da sua inteligência, não achas que a intuição a encaminhava para as melhores escolhas?
É verdade, mas tu sabes que eu hoje quando falo de inteligência, percebo que há muita coisa ligada à inteligência, por exemplo os grandes conhecedores do cérebro humano, dizem que uma pessoa extremamente inteligente não pode ter maldade. A maldade, a falta de bom gosto não cabe muito naquilo que é a verdade inteligência. A inteligência por si só é um relógio de repetição. O que se distingue é a intuição. A inteligência está ligada a uma grande capacidade intuitiva. Porque posso estar aqui a falar e tudo o que eu estou a dizer estar decorado.
A intuição é claramente um processo de sensibilidade. A sensibilidade no campo da música, por exemplo, é uma linguagem. A Argentina Santos a cantar e os chineses a chorarem, por exemplo. Há uma linguagem para além das palavras. A linguagem da sensibilidade. De alma para alma.
E sendo que a música motiva a essa linguagem da sensibilidade, e porque nós somos também o contacto que estabelecemos com quem nos rodeia, como é que um homem como o André Dequesh te traz a capacidade de ir mais além acerca de música e acerca do mundo?
A minha relação musical com o Dequesh teve um período de dez anos. Ele viveu muito tempo em minha casa. É um dos melhores músicos do mundo, e eu curioso que sou, ter a hipótese de estar ao lado de um homem daqueles, foi uma oportunidade única.
O disco dos Inéditos no Tivoli, no ano de 2000, cruza essa fase ou é posterior?
Ele já trabalhava comigo, mas nessa fase estava fora para uma tournée com o Pat Metheny. Ele deu a formação, e, portanto, essa parte estava tratada, mas o Marino de Freitas que ia tocar baixo connosco, começou a fazer os arranjos, e na véspera do concerto no Tivoli, reunimos a banda e ensaiámos.
Esta revista faz nesta primeira edição a dedicatória a Celeste Rodrigues. O que é que se pode dizer, já que a conheceste tão bem, a profundidade da alma da Celeste Rodrigues?
A Celeste segue aquela linha. Há uma linha interessantíssima e curiosa entre alguns seres humanos.
A Celeste era uma mulher de uma sensibilidade enorme, uma inteligência rara, uma pessoa de bem, não vias ela levantar a voz, não vias discutir, não vias ela falar mal fosse de quem fosse. Não vias ela contribuir com uma conversa que não fosse para o bem querer. São pessoas que fazem falta a este planeta. E que vêm cá nem que seja pelo motivo de nos mostrar o que se deve ser. E a cantar, é das coisas melhores que ouvi na vida. Todos os grandes fadistas cantaram sempre sem voltas.
Cá está o facto dos grandes fadistas cantarem sempre de acordo com o poema, não é assim?
Deixa-me contar te uma história. Um dia estávamos a tocar o fado das Horas, num ensaio, para a Amália, e eu nem sabia que isto tinha sido feito para ela. E que foi ela a primeira a gravar. Estou eu, o Fontes Rocha, o Carlos Gonçalves, o Joel Pina, num palco em França e cantou a "Lenda das Rosas" do início ao fim, sempre com voltas. E no final volta-se para mim e diz: "Está a ver, se eu quisesse também fazia, mas é muito feio".
As voltinhas não representam então o fado?
Ninguém dos grandes dava voltinhas. Tu vais a 1920 e ouves um fadista que cantava excecionalmente que era o José Porfírio. Não havia voltinhas. As voltinhas são uma grande falsa ideia criada por algumas pessoas que apareceram nas últimas gerações. Imagina estares a ler uns versos, de repente amarrotas o papel e destróis aquilo tudo. É o que se faz quando se dá voltinhas nas palavras. Onde é que estão as voltas da Lucília do Carmo, ou da Fernanda Maria? Não existem.
Elas cantavam o poema.

Home | Fado Cale
www.fadocale.pt

ENTREVISTA COMPLETA
WWW.FADOCALE.PT

INSTRUMENTOS

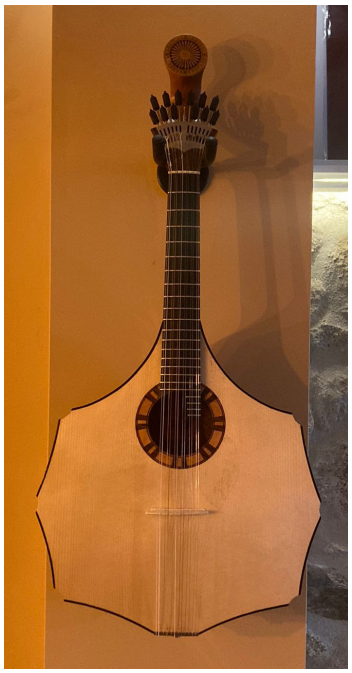
ÓSCAR CARDOSO

Luthier

GUITARRA PORTUGUESA, QUE FUTURO?

Começando pelos materiais, existem três tipos de madeira que são fundamentais na Guitarra Portuguesa, sobretudo no tampo, que tem de ser spruce, a escala em ébano, por uma questão de resistência, e o braço em cedro do brasil. A madeira spruce é um género de um pinho nórdico que tem uma resina característica, a tilose, que depois de seca, cristalizada e oxidada, confere um som de excelência ao instrumento. O resto da caixa acústica é-me indiferente.

Antigamente era o pau-santo do Brasil ou indiano, mas cheguei à conclusão que tem a ver com espessuras de madeiras, são processos diferentes, sendo que o tampo, a vibração é de facto o mais importante no instrumento, o resto é secundário.



Desde miúdo que nunca gostei muito do som dos instrumentos, não gosto de sentir as cordas de arame. Gosto de um som encorpado, um som aveludado e contínuo, sempre à procura deste som equilibrado, daí a necessidade de algumas transformações nas Guitarras Portuguesas ou mesmo nas violas. Não sei se vou conseguir chegar ao som definitivo, mas já me aproximei bastante do som que tenho na minha cabeça.

Isso para mim é uma evolução.

Claro que para os músicos com mais idade e alguns até novos, que se agarraram a um tipo de som antigo, será mais difícil entrarem num som novo, num timbre diferente. Estou convencido que em relação à rapaziada mais nova, que estão a começar agora, e que não têm ainda os ouvidos formatados, nem o cérebro, conseguem apreciar e adorar este som. Portanto, o futuro da Guitarra Portuguesa passa por eles, que têm outra visão sobre o instrumento.

As guitarras antigas feitas pelo meu pai, Manuel Cardoso, pelos Grácios, pelo Álvaro da Silveira e ainda de alguns construtores atuais, continuam a não ter volume sonoro de qualidade para tocar outras áreas musicais porque eram e são feitas para tocar fado. É uma luta entre o músico e a guitarra, por não responder a outras necessidades.

Quando comecei a construir as guitarras sem fundo, mesmo os músicos que não as experimentaram, já tinham opinião de que comportavam um som estranho. Só com o tempo é que se vai aceitando os processos da evolução natural e favorável do instrumento, comparando com outras guitarras.

Depois aconteceu o mesmo com as guitarras escavadas, que são blocos de madeira escavados por dentro e por fora e que as torna em instrumentos excecionais. Inicialmente considerava-se que tinham som a mais, de difícil controlo e com graves acentuados, tanto que alguns músicos ainda devolveram algumas guitarras. Mas a verdade é que hoje, uma boa parte dos músicos utiliza guitarras escavadas, é preciso habituação à sonoridade, para se tirar o melhor partido do instrumento.

Atualmente, com a guitarra saloia, repete-se o mesmo processo das anteriores, ninguém arrisca a levar uma guitarra destas para uma casa de fados, mesmo reconhecendo que tem um som superior, que tem outra dimensão, todos ficam apaixonados, mas como não é tradicional...

O nome de guitarra saloia é uma homenagem às pessoas das consideradas zonas saloias de Lisboa, que tal como o meu pai que veio do Norte para a Póvoa de Santo Adrião, à procura de melhor saúde, tinha eu dois anos, também muita gente se mudou para estas áreas para trabalhar, que na verdade alimentam e abastecem uma boa parte de Lisboa, com hortofrutícolas, entre outras coisas. São pessoas trabalhadoras, que eu admiro muito. Portanto, é uma busca continua pelo "som perfeito". Eu quero um som que se ouça de forma harmoniosa a muitos metros de distância. Tal como observo os pássaros, por exemplo, de dimensão tão pequena, mas que propagam som de forma tão perfeita no espaço e a uma velocidade incrível, porque é a sua natureza.

Têm de cantar daquela forma, têm de emitir aquele som a longas distâncias para acasalar ou para chamar as fêmeas, isto é a perfeição. O som tem de estar em sintonia perfeita com o espaço, com os átomos, com tudo, com o universo, para que se propague de forma pura e sem distorção, sem nada. É este som que eu procuro nos instrumentos, mas vai devagarinho, estou talvez a meio do caminho.

HOMENAGEM

SARA PEREIRA

Diretora
MUSEU
DO FADO

Celeste no Museu do Fado

No dia em que Celeste Rodrigues completaria 100 anos, o Museu do Fado inaugurou uma exposição temporária para celebrar o legado da artista. Apresentou ainda uma fotobiografia com uma ligação para dois temas inéditos, gravados aos 95 anos. A curadoria é de Diogo Varela Silva.

inf@museudofado.pt / 21 882 34 70

Museu do Fado
Largo do Chafariz de dentro, N.º1 Lisboa 1100-139

Referência maior da história do Fado, Celeste Rodrigues faria 100 anos no dia 14 de Março de 2023. Recordar a sua vida e o seu legado é celebrar uma complexa geometria temporal que acompanha mais de sete décadas de actividade artística e que ilumina boa parte da história do Fado dos séculos XX e XXI. No quadro do Centenário de Nascimento da artista, revisitamos o seu vastíssimo legado através da sua discografia, dos seus repertórios, troféus, galardões, adereços de actuação, periódicos, pinturas e filmes, numa exposição em que vários testemunhos se combinam para iluminar a sua biografia artística. *Ao refazermos o mosaico desta fascinante viagem, ganhamos uma mais nítida e fundada consciência do lugar central de Celeste Rodrigues na história do Fado* e do seu papel na renovação deste género musical e na sua projecção internacional.

Celeste Rodrigues viveu 95 anos de uma vida rica. Uma vida plena de muitas outras vidas. (...) Desde a sua estreia, aos doze anos, interpretando o Fado dos Três Bairros na Marcha de Alcântara, desenhou um caminho feito de um amor imenso à arte que abraçou. Ao longo de mais de sete décadas de actividade artística, pisou os palcos das salas de concerto mais prestigiadas do mundo, cantou regularmente nas melhores casas de Fado de Lisboa e gravou largas dezenas de discos, tendo sido das primeiras fadistas a consagrar-se internacionalmente.

A relação familiar de enorme proximidade com a artista portuguesa mais universal de todos os tempos – Amália Rodrigues, sua irmã, três anos mais velha - nunca a impediu de desenhar um itinerário artístico pleno de autenticidade e de consolidar um vastíssimo legado onde se inscrevem inúmeros temas populares do nosso imaginário musical colectivo. (...)

Enaltecendo as raízes profundas de uma herança colectiva, Celeste Rodrigues criou um vastíssimo legado, de importância central no património histórico do Fado: Esquina da Minha Rua, Lenda das Algas, Gaivota Perdida, Limão Verde Limão, Esta Lisboa, Fado Celeste, Praia de Outono, Meu Amor é Longa a Noite, Meu Nome Baila no Vento, Fado das Queixas, Eu Dantes Cantava, Marcha de Alfama, Silêncio Cala-te Vento, são apenas alguns dos temas que inscreveu no nosso imaginário colectivo. Criadora de um estilo inconfundível, Celeste Rodrigues fez do canto fadista a arte interpretativa por excelência. (...)

Para todos os que com ela conviveram, Celeste Rodrigues foi - é - um exemplo e uma inspiração. A sua integridade, artística e humana, contagiou o coração de artistas de diferentes gerações e de distintos estilos musicais. Aclamada pelo público e profundamente acarinhada pelos seus pares, Celeste Rodrigues transformou -se numa referência central para as mais jovens gerações do Fado, que na sua figura matriarcal sempre encontraram o conselho e a amizade, assídua e generosa. "Desci pela escada da madrugada a tentar sorrir para o mundo...". Assim começava o livro de memórias de Celeste Rodrigues, nunca concluído. Memórias que Diogo Varela Silva, seu neto, partilha nas páginas do livro que acompanha esta exposição e através das quais podemos atestar quão extraordinária e inteira foi esta mulher, em todas as pessoas que foi. Por isso mesmo se reúnem aqui tantos testemunhos, de familiares, amigos e companheiros de viagem, celebrando a eterna Celeste e o legado maior de integridade, humanidade e arte com que continuará a inspirar-nos a todos.

BIOGRAFIA

DIOGO VARELA SILVA

Realizador de cinema

O fado é um alívio quando se canta ”

“Sou a que fica no cais a ver partir o sonho e partindo-me em saudade sou a que se lança na onda mais alta em cantares de sereia e depois calça sapatos de areia”

Celeste Rodrigues nasceu no Fundão no décimo quarto dia do mês de março. Oriunda de uma família numerosa, como eram quase todas as famílias daquele tempo. Dos tempos do Fundão guardou as memórias das noites quentes do verão, em que vinham dormir para o alpendre, e onde ficavam a cantar as cantigas da Beira. Na família todos cantavam e gostavam de música, aliás, o seu pai, Albertino Rodrigues, era músico, tocava tudo quanto fosse instrumento de sopro e a sua mãe, Lucinda, cantava tão bem que até lhe chamavam o Rouxinol da Beira. Dizem que as manas Rodrigues tinham ido buscar a voz ao lado da mãe, com quem costumavam cantar em casa, nos serões da família.

Quando tinha 5 anos de idade, o seu pai decide que têm que se mudar para Lisboa, pois uma das suas irmãs tinha um problema nos olhos e o médico do Fundão disse que só aí havia meios para a tratar. Os médicos aconselharam que viessem para Lisboa, para a tentar curar. Albertino mudou-se com a família toda, de malas e bagagens, para Lisboa. Na capital teve a sorte de conseguir um contrato para integrar uma banda de uma sociedade de recreio em Campolide, como solista de sopros. E nessa altura que Celeste se reencontra com a sua irmã Amália. Esta foi a única dos irmãos a nascer em Lisboa e aqui ficou em casa dos avós.

Albertino veio com a banda a Alpiarça, Lucinda já estava no fim de gravidez e acaba por ter Amália em Lisboa. «No Fundão a nossa família era remediada. Os maiores problemas surgiram em Lisboa. Nas cidades não há as possibilidades da província nem a ajuda de familiares. *O meu pai era músico numa banda e a minha mãe trabalhava no Cais da Ribeira, distribuindo a fruta que recebia dos primos do Fundão.* Viemos para Lisboa por causa da minha irmã mais nova, que nasceu com um problema nos olhos. Prometeram que em Lisboa haveria cura e de facto ela curou-se. Mas aos seis anos e meio teve uma paralisia e morreu. Eu estava na igreja a rezar por ela quando soube da sua morte. Nunca mais rezei».

«O fado são emoções. É como suspirar. É um alívio quando se canta». Esta era por excelência a melhor explicação que Celeste encontrou para definir o que era o Fado.

Os primeiros fados que se lembra de ouvir, ouvia-os da boca dos “ceguinhos” que pediam esmola pela cidade. Dizia que eles contavam sempre uma história que se tinha passado com alguém, no estilo do “Esta história que vos vou contar foi o triste fado de tal e tal”. Assim acabavam por funcionar quase como uma espécie de jornal cantado, em que descreviam as desgraças que tinham ocorrido. Dizia-me que as letras eram sempre uma desgraça pegada. Mas a verdade é que esses foram os primeiros fados que conheceu. Antes ainda de cantarem profissionalmente, a família era presença assídua na verbena do Carcavelinhos, onde iam para dançar e ouvir fados, entre outras atividades culturais. Os irmãos iam mais para dançar, elas iam para ouvir os fados, isso talvez fruto de Amália estar enamorada por um guitarrista, com quem viria a casar-se. Amália começou a cantar profissionalmente seis anos antes de Celeste. Celeste era mais envergonhada e não tinha muita coragem para cantar em público. Mas Amália sempre a desafiava a tentar. Uma vez estavam no Mesquita, onde costumavam ir aos sábados a uns almoços fadistas. Aí, eram assíduos os mais famosos fadistas da altura e um dia, após tanta insistência da irmã, Celeste lá ganhou coragem e cantou umas quadras.

O empresário José Miguel, que era também o empresário de Amália, gostou tanto que a contratou na hora para o Casablanca, do Parque Mayer.

colecção Celeste Rodrigues

PEDRO DE CASTRO

Músico, compositor e produtor

Até sempre Dona Celeste

Lembrar Celeste Rodrigues é sempre um momento que estimula o que a saudade tem de bom

Para quem privou com ela, sabe que, sempre que falamos da Celeste conseguimos sentir a sua alegria contagiante, a vontade de viver, a felicidade em tudo o que fazia. Transmitia a todos em seu redor a paz de quem está bem consigo e com o Mundo.

Eu sei que era uma fadista extraordinária, pela forma como cantava e interpretava todos os poemas, tenho muitas saudades dos nossos serões de fadistices, mas do que mais sinto falta e recordo com imensa saudade era o seu sentido de humor. Um humor muito "gozão". Estávamos horas a dizer disparates. Quem estava em redor e não a conhecia quase nunca percebia se estávamos a falar a sério ou não. Era a cúmplice perfeita! Ninguém iria acreditar que a Sra. Dona Celeste Rodrigues, do alto dos seus noventa anos, estaria a dizer tamanhos disparates com o miúdo guitarrista.... e depois cantava. Aí cantava " à séria"!

Eu identifico-me muito com a postura de encarar os Fados como uma forma de arte séria, mas nunca levar o trágico dos Fados para o ambiente fadista/dos Fados. Serve de catarse para a alma tocar e cantar mas, depois, o resto, é uma festa da vida. E a Celeste celebrava-a como ninguém!!!

Sempre que terminava de cantar em qualquer lado, era impensável ir para casa cedo. Nessas noites já sabia que ía ter a visita da Celeste na Mesa de Frades. Nem sempre cantava, porque podia estar cansada, mas se alguém pedisse nunca dizia que não. Depois, bebia a sua CocaCola, e falávamos horas a fio. Histórias do Fado? Bem... ela era o próprio Fado. Ela relembrava e contava episódios na primeira pessoa, sem a pretensão de contar histórias do Fado.

Eram as histórias dela. E depois cantava. Às vezes lembrava-se de temas muito antigos, que ninguém sabia o que eram e lá ficávamos a tentar descortinar que Fado seria, ou folclore, ou música brasileira dos anos 50 ou outra música qualquer. Depois arrojava-se a cantar um tema conhecido, que nunca tinha cantado: " Pedro,

gostava de experimentar cantar o tema..." dizia-me ela - e eu lá tocava e ficava fascinado com o cunho pessoal imediato que dava à música. Sempre me impressionou a facilidade com que dividia na perfeição a métrica do poema e dizia-lhe: "isto assim faz mais sentido do que a versão original". Um dia perguntei-lhe como é que ela fazia a divisão métrica de forma a que o sentido dos poemas estivessem sempre corretos, porque me impressionava a reorganização das letras.

Estou a falar de letras que eu sabia que ela nunca tinha cantado e que interpretava da versão original, assim "à pena corrida".

A simplicidade da resposta ainda hoje me marca: "eu canto da mesma forma que falo, eu canto o poema como se o tivesse a dizer" - dito assim faz parecer simples.

Das noites longas de conversas nunca a ouvi dizer mal de ninguém. Dizia-me ela: "para quê ?".

Dizia a toda a gente que eu era uma criança grande e eu sinto saudades disso. Hoje, lembro essas palavras de olhos vidrados, mas com um sorriso. Acho que o público em geral, não tendo privado com ela, sente também essa saudade e a enorme vontade e entrega com que cantou toda a vida. Essa verdade artística é sem dúvida um dos legados que Celeste Rodrigues nos deixa.

ESCRITA

TERESINHA LANDEIRO

Fadista
e letrista

Fado e Poesia

O Fado são as palavras. Nada importa mais do que aquilo que é dito.

Sacrificam-se melodias, tempos e trinados para que a palavra amor nunca soe igual à palavra tristeza. Embora andem de mãos dadas em muitas das letras cantadas, estão longe de significar o mesmo. Fica entregue a missão, a quem canta e toca, de as distinguir.

Quem diz amor e tristeza, diz tantas outras que em nada se assemelham, no significado, e muito menos na cor ou no destaque que merecem. Não podemos querer que a palavra pedra seja dita e saboreada com a mesma intensidade com que os lábios mordem a saudade.

O Fado é sobre a vida, com tudo o que ela tem e a representa, tal como os nossos dias, que por vezes são felizes e outras vezes são tristes. Ora exaltamos as nossas dores e os nossos amores perdidos, ora cantamos a Santo António uma Marcha Popular muito garrida. Uma coisa é certa, segundo me tenho apercebido com a idade e me tem sido confirmado por muitos, nós portugueses preferimos falar das desgraças do que das alegrias. Como tal, o repertório fadista tem uma tendência maior para a melancolia do que para exaltar a felicidade.

As temáticas abordadas acabam por ser idênticas às de quase todos os estilos musicais que definem e pertencem a um povo. São histórias de amor, retratos do quotidiano, descrições de sentimentos, desabafos e lamentos, retratos de pessoas... Os fados são quadros da vida.

Uma letra e um poema não são necessariamente a mesma coisa, no entanto, um poderá tornar-se o outro. O que importa entender é o seguinte, muitas vezes não é possível cantar poesia porque esta precisa de tempo para ser digerida, tempo esse que, nem sempre existe quando ouvimos alguém cantar. Uma letra é algo que é feito com o propósito que o nome sugere, ser a letra de uma canção. Em princípio o seu entendimento será mais direto.

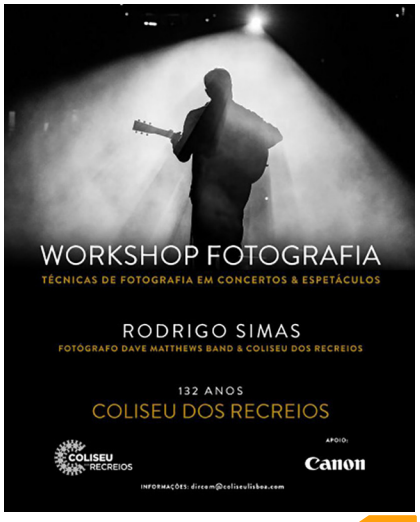
O Fado nasceu pela mão de poetas populares. Verdadeiros artesãos da escrita, que reúnem e ordenam palavras, para que estas desenhem imagens do mais bonito que há. Espartilham-nas em métricas e rimas estratégicas para que depois, ao encaixarem nas melodias, se tornem livres na voz de quem as canta. Só mais tarde, com a Amália Rodrigues, começam a ser cantados os chamados poetas Eruditos, dando voz a poemas como "Com que voz" de Luís Vaz de Camões.

É em quem escreve que os fadistas depositam a sua maior esperança. O sentido das palavras é uma busca constante. Quem canta procura encontrar-se em quem escreve, tal qual como quando se olha num espelho. Procuram-se "fatos" à medida, nem sempre com o tecido favorito, mas sim com o que melhor assenta. No fundo, os letristas ou poetas são os modistas que vestem os fadistas, despindo-os totalmente à medida. Depois ainda vêm os compositores ligar todas estas peças. As melodias ajudam a conduzir as palavras e as emoções. A voz serve-se da combinação perfeita entre estas, e torna-se o veículo da história. É desta simbiose que nasce a mensagem que emociona todo o tipo de corações, até os mais empedernidos.

Foto: Jenniffer Lima Pais

+
INFORMAÇÕES

Bilhetes WORKSHOP



ALFAMA

CASAS DE FADO

CASA DE LINHARES

A Casa de Linhares que chegou a albergar Camões. Já foi outra afamada residência fadista, o Bacalhau de Molho, e atualmente dedica-se a oferecer um elenco prestigiado em ambiente e gastronomia nobres.

SALÃO PRINCIPAL

SALÃO PRINCIPAL

SALÃO SECUNDÁRIO

ELENCO

A casa de Linhares é hoje o que resta de um edifício renascentista que ruiu no terramoto de 1755. Aqui viveram os Condes de Linhares, uma das famílias nobres de Portugal. Erguida junto às margens do Tejo, no século XVI, a Casa de Linhares mantém ainda o charme oitocentista, apresentando de pé o torreão e um cunhal com brasão.

O nosso Fado, mistério de alma, canto genuíno, intenso e apaixonante. Estes são alguns dos nomes que marcam presença na Casa de Linhares. Da esquerda para a direita: **André Dias** (Guitarra Portuguesa)**, Jorge Fernando, Vânia Duarte, Fábia Rebordão, José Quaresma e André Batista.**

RESTAURANTE

A cozinha da Casa de Linhares está à responsabilidade do Chefe João Dionísio. Cada prato é preparado com a excelência dos sabores e tradições portuguesas. À mesa, descobrimos o melhor que Portugal tem.

CASA DE LINHARES

RESERVAS

(+351) 910 188 118

(CHAMADA PARA REDE MÓVEL NACIONAL)

INFO@CASADELINHARES.COM

LISBOA | ALFAMA

BECO DOS ARMAZÉNS DO LINHO 2, 1100-037 LISBOA

ENTREVISTA

CUSTÓDIO CASTELO

Amor em cada nota

Músico, compositor e produtor

Dos primeiros acordes na guitarra portuguesa, às grandes influências e momentos da carreira. Um percurso pela saudade como tema da obra de Custódio Castelo. Virtuoso músico, compositor, produtor e professor

Por LEONEL BARATA

Quem foi o músico intérprete de guitarra portuguesa que mais te influenciou?

Na casa dos meus avós maternos ouvia-se fado, o meu avô era militarista, aí de alguém que falasse quando surgia um fado na rádio, nem os cães podiam ladrar. Por isso comecei a ouvir fado muito novo. Muitas pessoas pensam que a minha influência inicial foi o Carlos Paredes, ou o pai Artur, mas quem mais me influenciou a tocar guitarra foi o José Luís Nobre Costa. E há uma história por trás disso. Eu tocava guitarra acústica e eletroacústica, estava a fazer entretenimento num hotel em Cascais. Lembro-me que o nosso teclista fazia anos e convidou-nos para jantar. O único sítio que havia para comer era numa casa de fados, que era a casa do Rodrigo, onde tocava o António Parreira, o Francisco Gonçalves e o José Luís Nobre Costa. *E foi nesta casa de fados que tive esta epifania de ouvir a guitarra portuguesa tocada pelo José Luis Nobre Costa pela primeira vez, em que me arrepiei tanto.* Acho que esse momento mudou a minha vida.

Quando começaste a tocar guitarra portuguesa?

Na época eu estudava na Escola Industrial e Comercial de Santarém e lembro-me de ver numa montra uma guitarra portuguesa. Entrei e a primeira coisa que fiz foi tentar comprar a guitarra, que tinha marcado 12500 escudos. O senhor disse que era uma peça de adereço, mas bati-me pelo facto de ter preço marcado e lá consegui. Como é claro, não sabia nada da afinação da guitarra nem técnica, levei a guitarra para casa, afinei como se fosse uma viola, coloquei um piezo, liguei a um amplificador. Fazia imensa distorção, e soava maravilhosamente.

Um dia estava a fazer uma primeira parte numa festa perto do Alentejo, e a aparelhagem do nosso conjunto e ia servir uns fadistas que vinham de Lisboa. Estávamos a ensaiar e a fazer o som, eu estava com a guitarra portuguesa de 12 cordas a distorcer, que era uma coisa encantadora, até que o senhor guitarrista me abordou e chamou-me de tudo. Assassino foi o nome mais simpático, quase que me ofereceu porrada. "Você não faça isso, você está a estragar a guitarra e o fado" e com alguma razão, mas eu era um miúdo, tinha 16 anos.

Cheguei a casa e disse ao meu pai o que se tinha passado. Então o meu pai levou-me a Almeirim a um barbeiro chamado Leonel Mendrico, que era um senhor que tinha uma barbearia e depois me ensinou a tocar alguns fados. O senhor Leonel tocava um pouco de viola, bandolim e tocava muito bem guitarra portuguesa. Aprendi muito com ele.

E como correu essa formação inicial?

Mais tarde o senhor Leonel aconselhou-me a continuar com o seu melhor aluno, que era o Raimundo Seixas, que me ensinou a tocar fados. Embora a técnica e a abordagem do Raimundo não fosse a minha em termos de sonoridade, porque *efetivamente eu seguia o José Nunes, que para mim foi um Deus a tirar sons e timbres neste instrumento. Depois outra inspiração foi José Fontes Rocha e a partir daí, quando o Paredes chega à minha vida, tendo já um conhecimento dos guitarristas anteriores, tal como o Raul Nery, que eu adorava, venho a conhecer pessoalmente o José Luís Nobre Costa* uns anos mais tarde, e ainda hoje guardo com muito carinho a guitarra com que ele tocou nessa noite para mim - a guitarra dos passarinhos.

Dos vários fadistas com quem já trabalhaste, quem mais te fascinou?

Efetivamente, uma das pessoas que mais influência teve na minha vida foi o Jorge Fernando porque somos de uma irmandade fidedigna. Foi ele o responsável de eu tocar guitarra profissionalmente e depois acabei por integrar as bandas dele. São 38 anos de parceria, entre eles a gravação de um disco com o Fernando Maurício, o Rei. Depois tive a sorte de ter conhecido o José Pracana, de quem eu gostava imenso, da abordagem dele, o som que tirava da guitarra, a garra com que tocava. Tive a sorte de ter tido a Amália a tratar-me por amigo, a receber-me em sua casa, a telefonar para casa dos meus pais, a dizer-me "venha jantar, hoje estão cá uns amigos". Toquei para ela nos Estados Unidos, mesmo

não sendo seu guitarrista, e tenho o privilégio de ter um registo gravado em fonográfico com ela e o Jorge Fernando. São memórias maravilhosas.

Também trabalhaste com a Celeste Rodrigues?

Depois conheço a Celeste Rodrigues. Foi uma paixão ouvi-la contar tantas histórias, era aprender tanto a cada momento que ela falava, como se estivéssemos a ler um livro. Acabei por tocar para ela, quase como uma ligação de mãe, algo muito especial.

Realmente tenho sido um privilegiado porque tenho apanhado diferentes gerações do fado. Toquei com Manuel de Almeida, com a Beatriz da Conceição, meu Deus, tantos fadistas que eu acho que fui um afortunado pelo que a vida do fado me ofereceu e pelos talentos que conheci e trabalhei.

A produção e a composição são também etapas importantes no teu percurso no fado.

Fiz paralelamente uma carreira como produtor, compositor, *trabalhei para a Universal França com a Cristina Branco durante 10 anos, tenho a honra de dizer que por minha mão, trouxemos para Portugal um disco de platina e dois de ouro.* É algo do qual muito me orgulho em ter o reconhecimento de estar no Top 10 dos compositores na Holanda e, portanto, esta coisa de levarmos a nossa cultura onde quer que estejamos, é das coisas que eu sei que está no espírito de um português.

Qual foi o palco de maior responsabilidade que já pisaste?

Os palcos têm todos a mesma responsabilidade. Mas lembro-me de uma vez estar no Olympia e ir à casa de banho, com aqueles nervos do último momento e quando puxo o autoclismo parti a unha do indicador e fiquei nervosíssimo. Fui ao camarim e coloquei supercola 3 para cima da unha algo enrolado.

A gravação do disco na "Linha da vida" do Camané, também teve um episódio caricato. Estava a sair de casa e fiz umas festas ao gato que me mordeu no dedo polegar, que começou a deitar sangue e depois infetou. Tive dois dias na Valentim de Carvalho com o Jorge Fernando e com o Carlos Bica, o produtor foi o Zé Mário Branco, e lembro-me de estar a tocar e o sangue cair sobre as cordas. A sala do Carnegie Hall também me provocou arrepios, assim como o Queen Elizabeth Hall. Fazer o concerto com a Orquestra Sinfónica du North em Amesterdão, também com a Cristina Branco, um disco de homenagem a Slauerhoff, foram também momentos felizes. Todos os palcos são difíceis ou fáceis, a partir do momento em que se leva o trabalho feito de casa. Depois é receber a energia que vem do publico e retribuir em forma de amor a cada nota que se toca.

Se um fadista quisesse cantar Custódio Castelo, que fado serviria essa intenção?

Há um fado muito bonito que se chama fado perdição, que é uma melodia que tem dois acordes, dó e ré, o original. Eu aconselharia esse fado, que está na discografia da Cristina Branco.

Existe algum álbum teu onde o sentimento saudade esteja mais presente?

De forma geral a saudade está implícita em todos eles. Quando toco a minha forma de ser e de sentir já é um exercício de saudade. *O que é que eu chamo ao exercício de saudade? É ir buscar emoções vividas e outras que não vivi, mas que inspiram a criatividade.* Às vezes eu até consigo perceber que dando duas notas eu exprimo mais saudade do que fazendo quarenta, mas depende sempre da forma como as dou. Isso é uma das coisas que falo aos meus alunos, que é muito importante. Não é o que se diz, é como se diz, não é o que se toca, mas como se toca. As notas são todas as mesmas, mas há muitas formas de as sentir. Falo da entrega, tal como quem canta. Acho que a guitarra pode dar a quem canta uma cor.

Home | Fado Cale
www.fadocale.pt

ENTREVISTA COMPLETA
WWW.FADOCALE.PT

CURSO DE GUITARRA PORTUGUESA NA ESART

Custódio Castelo foi um dos fundadores do Curso Superior de Guitarra Portuguesa no Instituto Politécnico de Castelo Branco

Qual foi o ponto de partida para a criação do Curso Superior de Guitarra Portuguesa em Castelo Branco?

Vinha do Olympia de Paris com o professor Miguel Carvalhinho, que era meu músico na guitarra clássica e durante a viagem de regresso a Lisboa, me diz, "abriu na ESART um curso para acordeão e para outros instrumentos, e por que não também guitarra portuguesa?". Respondi afirmativamente à genial ideia, pois era uma necessidade para o nosso país e para o desenvolvimento do instrumento.

Quando chegámos a Lisboa, fomos dar uma volta pelas casas de fado e reparei que o fado mouraria não estava a ser tocado da forma como eu aprendi e como ouvia o Raul Nery tocar e os outros grandes mestres. Pensei nesse fio condutor que os nossos guitarristas antigos deixaram, porque cada um deles escreveu um capítulo nesta história que se chama licenciatura em guitarra portuguesa.

Que sentimento é esse, verificar que uma boa parte dos alunos que passa pelo curso, exerçam profissionalmente a carreira de músicos?

Temos o cuidado de dar bases aos alunos para poderem depender da guitarra portuguesa, para serem, além de músicos, criativos, acompanhadores, para levarem algumas noções inclusivamente de estúdio. Outro aspeto fundamental é a formação humana, tento passar às pessoas um desenvolvimento humilde, tocar com amor, acompanhar uma voz como se estivesse a estender um tapete vermelho, para que se passeie e, no caso de uma senhora, deixar-lhe umas pétalas de rosa.

ENSINO

IPCB - ESART | Presidente ANTÓNIO FERNANDES

Qual a responsabilidade e o que significa para a instituição ESART-IPCB ter o único curso superior de guitarra portuguesa?

A Escola Superior de Artes Aplicadas do Politécnico de Castelo Branco tem-se afirmado como uma referência nacional no ensino do design e da música, e esse reconhecimento tem como base não só a elevadíssima qualidade do ensino ministrado mas também a diferenciação e especialização da nossa oferta formativa. A variante de Guitarra Portuguesa da licenciatura em Música é um dos símbolos maiores dessa nossa aposta em fazer diferente. Por esse motivo mantemos o total empenho em continuar a investir para a melhoria constante das condições oferecidas aos nossos estudantes.

Que importância tem para a instituição ter ao leme o Mestre Custódio Castelo?

O Mestre Custódio Castelo é uma referência nacional da Guitarra Portuguesa com reconhecido trabalho realizado também além-fronteiras. Ao longo da sua vida profissional, o Mestre Custódio Castelo, desde sempre colocou uma enorme paixão em todos os projetos que abraça e o ensino da Guitarra Portuguesa na ESART é uma prova concreta dessa entrega e comprometimento com aquilo que o faz sonhar e acreditar. Poder contar com ele é motivo de grande orgulho para o Politécnico de Castelo Branco e a certeza de que a sua procura constante pela perfeição contribuirá para o aperfeiçoamento contínuo da qualidade do curso e da formação ministrada aos estudantes.

Que impacto tem tido o curso no desenvolvimento do fado na região da Beira Interior?

A ESART-IPCB tem-se assumido como um ator central na promoção cultural na nossa região e, permitam-me que o diga, muito para além das fronteiras da Beira Interior e de Portugal. A produção de talento jovem tem sempre grande impacto em qualquer área e fazê-lo a partir do interior do país acentua ainda mais esse impacto. *Queremos continuar a assumir-nos como uma fábrica de talentos e exemplos como a Valéria Carvalho, fadista já reconhecida nacionalmente e finalista do Festival da Canção, de Mariana Martins, a primeira mulher portuguesa licenciada em Guitarra Portuguesa, ou a Orquestra Sinfónica da ESART, entre muitos outros, são fatores de motivação para continuarmos a trilhar o caminho.* É notável o reconhecimento que os nossos estudantes e diplomados têm obtido nos melhores palcos mundiais com a atribuição de prémios e distinções em diferentes valências.

Instituto Politécnico de Castelo Branco

CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS (CTESP)

Escola Superior Agrária
Análises Químicas e Biológicas
Cuidados Veterinários
Energias Renováveis
Produção Agrícola
Proteção Civil (+)
Recursos Animais
Recursos Florestais (+)

Escola Superior de Gestão
Gestão Empresarial
Turismo e Hotelaria

Escola Superior de Educação
Desporto
Desporto e Tecnologias NOVO *
Recreação Educativa para Crianças
Tecnologia Educativa Digital NOVO *

Escola Superior de Artes Aplicadas
Comunicação Audiovisual

Escola Superior de Tecnologia
Automação e Gestão Industrial
Construção Civil
Desenvolvimento Web e Multimédia (+)
Sistemas Eletrónicos e Computadores (+)
Redes e Sistemas Informáticos
Tecnologias e Programação de Sistemas de Informação

LICENCIATURAS

Escola Superior Agrária
Agronomia
Biotecnologia Alimentar
Enfermagem Veterinária
Engenharia de Proteção Civil

Escola Superior de Artes Aplicadas
Design de Comunicação e Audiovisual
Design de Interiores e Equipamento
Design de Moda e Têxtil
Música - Variante Canto; Formação Musical, Direção Coral e Instrumental; Instrumento; Música Eletrónica e Produção Musical

Escola Superior de Educação
Desporto e Atividade Física
Educação Básica
Secretariado
Serviço Social
Treino Desportivo e Preparação Física NOVO *

Escola Superior de Gestão
Administração Pública NOVO *
Gestão (ramo de Contabilidade ou ramo de Recursos Humanos)
Gestão Comercial
Solicitadoria
Turismo

Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias
Ciências Biomédicas Laboratoriais
Enfermagem
Fisiologia Clínica
Fisioterapia
Imagem Médica e Radioterapia

Escola Superior de Tecnologia
Engenharia Civil
Engenharia das Energias Renováveis
Engenharia Eletrotécnica e das Telecomunicações
Engenharia e Gestão Industrial
Engenharia Informática
Informática e Multimédia

MESTRADOS / PÓS-GRADUAÇÕES

Escola Superior Agrária
Ciências Florestais **
Enfermagem Veterinária de Animais de Companhia (em consórcio)
Engenharia Agronómica
Inovação e Qualidade na Produção Alimentar
Proteção Civil **
Sistemas de Informação Geográfica: Avaliação de Riscos Naturais (+)
Sistemas de Informação Geográfica, ramo Recursos Agroflorestais e Ambientais **

Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias
Cuidados Paliativos
Enfermagem (em consórcio)
Saúde Pública e Gestão Sanitária (+)

Escola Superior de Artes Aplicadas
Design de Interiores e Mobiliário
Design do Vestuário e Têxtil
Design Gráfico
Ensino de Música
Música
Produção para Média Digitais

Escola Superior de Gestão
Gestão de Empresas
Gestão de Negócios **
Master Executive em Gestão de Unidades de Turismo em Espaço Rural
Solicitadoria Empresarial

Escola Superior de Educação
Atividade Física
Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais no 2º Ciclo do Ensino Básico
Gerontologia Social
Intervenção Social Escolar

Escola Superior de Tecnologia
Engenharia Informática – Especialização em Desenvolvimento de Software e Sistemas Interativos
Engenharia Civil - Especialização em Construção Sustentável
Reabilitação Sustentável de Edifícios **

* Aguarda aprovação (+) - No âmbito do Consórcio RPA23 – com bolsas de apoio e incentivos aos estudantes. Mais informações em **www.redepolitecnica.pt**
** Pós-graduação - Ensino a distância, IPCB-UAB

Cofinanciado por:
CENTRO 2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

www.ipcb.pt

FADO DE COIMBRA

ANTÓNIO VICENTE

Músico, letrista, membro fundador da Estudantina Univ. de Coimbra e do Grupo de Fados Toada Coimbrã

Apontamentos para uma História

A Universidade de Coimbra, fundada em 1290 pelo rei D. Dinis, com bula papal de Nicolau IV, após oscilação geográfica com Lisboa, é definitivamente implantada na cidade do Mondego em 1537 por ordem de D. João III, tornando-se, pelo saber, um extraordinário centro de atração de escolares do país e do estrangeiro - é a única Universidade do mundo com um estilo musical próprio – o denominado "Fado de Coimbra". Sabe-se que, desde o séc. XVI se tornou hábito dos estudantes de Coimbra cantarem noite fora pelas ruas da urbe; composições populares diversas, baladas, cantares de autoria própria, serenateando mulheres amadas ou simplesmente, praticando arruaça, fazendo-se acompanhar por instrumentos de fácil portabilidade como as violas de arame ou as violas toeiras (instrumento popular da região). Estará aqui a génese de uma canção de rua, interpretada exclusivamente por homens, estudantes da Universidade, que envergam o seu traje académico, embora deve referir-se que a prática destas musicalidades noturnas (serenatas) não era exclusiva dos estudantes, sendo levada a cabo também por futricas (populares de Coimbra). Este ecossistema musical, muito peculiar, pouco tem a ver com o seu suposto congénere Fado de Lisboa, originado no caldo de culturas que a cidade constituiu desde a expansão portuguesa, cantado na acre escuridão das tavernas, com berço nas canções narrativas disseminadas pela capital por vadios e mendigos. Esta distinção foi efetuada de forma exímia pelo guitarrista leiriense Dr. Afonso de Sousa de onde se conclui que, entre ambos, de comum somente o nome e a utilização da guitarra portuguesa como instrumento acompanhador - mesmo este com diferenças de construção, afinação, sonoridade e execução, absolutamente abissais. As formas e fórmulas de conceção das peças nada têm a ver e as temáticas abordadas muito menos - diremos aqui com o Dr. Jorge Cravo – Fado é o de Lisboa – em Coimbra o canto é outro.

Os que intentam historiar o Fado de Coimbra, colocam com frequência, Augusto Hilário como seu fundador, no mínimo o seu grande percursor.

Oriundo de Viseu, veio para Coimbra onde acabou o Liceu e se inscreveu no curso de Medicina, apaixonado pela boémia coimbrã, pessoa de bom trato, era tido entre os seus como o "Rei da alegria"; tornou-se trovador, compositor e poeta, ficando imortalizado o "Fado Hilário". Augusto Hilário será por muito tempo "a referência" de que Manasses de Lacerda, Alexandre Resende e outros, serão seguidores. Havia já rebentado a primeira guerra mundial, quando, também para cursar Medicina, surge em Coimbra, António Menano, um fabuloso tenor vindo de Fornos de Algodres. Menano cantava de tudo e tornou-se um fiel representante do fado Coimbrão. Herdeiro em fama de A. Hilário, incorporando o lúgubre romantismo que dominava o ambiente académico dos inícios do séc. XX, ficou conhecido pelos numerosos discos que gravou e pelo sublinhado reconhecimento nos meios artísticos nacionais.

Se o fenómeno tivesse parado por aqui, hoje ninguém se lembraria de tal coisa, mas, há cem anos, António Menano fez a ponte e rececionou em Coimbra, por acaso ou por destino, Lucas Junot, Paradela de Oliveira, Armando Goes e o grande cantor e poeta Edmundo Bettencourt que viria a ser acompanhado pelo mago da guitarra Artur Paredes. Nascia a geração de oiro da canção de Coimbra.

Com Paredes, o dorido tanger da guitarra é substituído por notas e acordes vigorosos, gritantes, o instrumento começa a falar, quer nos acompanhamentos, quer nas peças instrumentais (guitarradas); o canto de Edmundo é esbelto e ele vai colocar a música popular de um país inteiro no paradigma musical coimbrão - tudo se ouve na forma coimbrã e assim, Coimbra vai ser ouvida em toda a parte - a autonomia com Lisboa é definitiva.

Suceder a esta geração seria, obviamente difícil, mas, o fenómeno havia-se tornado musicalmente saboroso e conquistou adeptos. Vozes vindas de diversos pontos do país aculturaram-se à forma do canto coimbrão; instrumentistas que buscaram a aprendizagem da guitarra portuguesa ou a fórmula que a viola seguia como determinante pano de fundo. Quando os anos 50 mostraram a sua cor, com as mazelas do segundo conflito mundial em cicatrização, à Canção de Coimbra, qual ciclo histórico, é oferecida a 2º geração de oiro – Fernando Machado Soares, Fernando Rolim, José Afonso e, o sublime, Luiz Goes.

Nos finais da década de 50, com os atribulados anos 60 a despontarem, o fenómeno era suficientemen-

te crescido para gerar variantes. Inteligentemente, a preservação da tradição de Bettencourt e dos que o seguiram; a deriva de José Afonso, elegendo a viola como instrumento de acompanhamento quase exclusivo, seguido por Adriano Correia de Oliveira, que inicia muito cedo um canto de intervenção política. Em marcha a contestação ao Estado Novo.

Coimbra ouve e canta a poesia de Manuel Alegre, tem no ar a guitarra de António Portugal, a viola de Rui Pato e as vozes de Zeca, Adriano e António Bernardino a criarem "coisas novas" – decididamente novas, sem descurar, é certo, uma interessante renovação da linha tradicional que nos aparece com José Manuel dos Santos, José Miguel Baptista entre outros.
A década de 60 fecharia (por assim dizer) com o inigualável Luiz Goes que, de parceria com o guitarrista João Bagão, transporta para a canção uma nova geometria poético-musical. Com alicerces bem apreendidos e um inspirado poder de inovação, nasce outra forma de fazer, de dizer, de interpretar, se quisermos é um Fado Novo, que faz com que Goes, por si só, seja uma escola.
É tempo de dizer que a expressão "Canção de Coimbra" ganha aqui todo seu fulgor e dimensão como designativa desta realidade musical - expressão capaz de albergar sob si uma linha tradicional de melodias originais ou populares, as baladas, as trovas, as guitarradas, o novo canto.
As crises académicas dos anos 60 trazem à Academia e ao canto novos cambiantes. A praxe e diversas tradições académicas são abandonadas, o uso da capa e batina torna-se residual ou quase inexistente, o agudizar da guerra colonial e a repressão fascista sobre os estudantes, tornam o canto predominantemente contestatário - a cantiga é uma arma. Assim se fez uma década nublosa até Abril de 1974. Se é certo que quem cantava e tocava não deixou de o fazer, certo é também que a situação se politizou ao rubro e quando Abril chegou, a canção de Coimbra, a capa e batina, as praxes e tradições da velha Academia eram símbolos do fascismo e da reação. O 25 de abril de 1974, aqui, nada teve de libertador. Movimentaram-se as forças do lado contrário – o 1º Seminário sobre o Fado de Coimbra teve lugar em 1978 e em 1979 realizou-se a Semana Académica, que seria um ensaio para o reaparecimento da Queima das Fitas em Maio de 1980. O regresso ao palco da Canção de Coimbra tornou-se inevitável.
Em junho de 1980 é fundada a Secção de Fado da A.A.C. com o intuito de promover e divulgar a Canção de Coimbra. Apesar dos tempos serem ainda de conflito e confrontação, muitos foram os que passaram da zona do problema para a zona da solução, muitos, cultores e não cultores, que quiseram dar a sua ajuda, entregar o seu testemunho, já que existia uma geração sedenta de arrancar rumo ao futuro como flecha imparável. *Uma "geração de indomáveis" que não olharam a meios nem a consequências, que assumiram o Canto de Coimbra como uma bandeira das suas vidas e que tiveram o traço comum de honrar o passado* (todo o passado) assumindo com as suas novas composições
o compromisso de fazer o futuro. O Grupo de Fados e Guitarras de Coimbra, o Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra, o Grupo Praxis Nova e o Grupo Toada Coimbrã. Coimbra voltou a deambular pelo mundo, pelas rádios e televisões, pelos estúdios de gravação. Refira-se de passagem a força poética e musical de "Canto a Coimbra" de Aurelino Costa e Victor Almeida e Silva; a beleza de composição e interpretação da obra "Canções D'aqui" onde pontificam a voz de Jorge Cravo e a guitarra inconfundível de António José Moreira; a dimensão encantadora da Balada de despedida do 5º ano Jurídico de 88/89 de António Vicente, João Paulo Sousa e Rui Pedro Lucas, provavelmente, hoje, o mais ouvido tema da Canção Coimbrã.

Home | Fado Cale
www.fadocale.pt

VERSÃO INTEGRAL
WWW.FADOCALE.PT

PROJETOS

PEDRO VAZ

Guia
Interprete

O projecto **"VIVER AMÁLIA"** é um tributo pessoal dedicado aquela que foi, sem sombra de dúvida, a mais genial artista portuguesa de todos os tempos e uma das maiores vozes mundiais do século XX com quase sessenta anos de carreira artística. **"VIVER AMÁLIA" trata-se de um itinerário a pé por Lisboa dedicado a Amália**, tendo início junto à sede da Fundação INATEL, na Calçada de Santana 180, muito perto da casa onde Amália nasceu, e vindo a terminar na casa onde viveu mais de quarenta anos e viria a morrer, hoje Casa Museu - Fundação Amália Rodrigues.

O passeio divide-se em sete capítulos:

LISBOA 1920 ; INFÂNCIA E FAMÍLIA ; UMA CARREIRA QUE COMEÇA ; INTERNACIONALIZAÇÃO ; DITADURA E REVOLUÇÃO ; ETERNIZAÇÃO.

Durante o passeio abordaremos também a passagem de Amália pelo Teatro e pelo Cinema, sem esquecer a relevância dos poetas e dos compositores ao longo da sua carreira. O passeio é guiado pelo **Guia-Intérprete Pedro Pinheiro Vaz**, profissional de Turismo desde 1995 e um verdadeiro amante da cidade de Lisboa e um estudioso da vida e obra de Amália e seu confesso admirador. O projecto **"VIVER AMÁLIA"** teve desde o seu primeiro dia o apoio inestimável da Fundação INATEL, tendo sido agraciado com o Prémio Turismo e Sustentabilidade 2020. "VIVER AMÁLIA" foi considerado um dos melhores passeios ao ar livre pela Revista EVASÕES e conta também com a aprovação da Fundação Amália Rodrigues. O passeio dura três horas e meia (com uma pausa de 15 minutos) e termina na Fundação Amália Rodrigues na Rua de São Bento.

ASSOCIAÇÃO FADO CALE

CASA DE FADOS (SESSÕES QUINZENAIS)

FADOS À MEDIDA (EVENTOS DE FADO)

ESCOLA DE FADO

INSTRUMENTOS

GUITARRA PORTUGUESA	AULAS DE CANTO
VIOLA	HISTÓRIA DO FADO
BAIXO	TERTÚLIAS DE FADO

PALCO EM SI
EVENTOS & AGENCIAMENTO

FADO CALE

www.fadocale.pt | fadocale@gmail.com

Tlf. 932244848

Rua da Cale nº33 – Fundão

Santa Casa Alfama

29 E 30 DE SETEMBRO

CAMANÉ \\ HOMENAGEM A HERMÍNIA SILVA POR ANABELA, FF, FILIPA CARDOSO & LENITA GENTIL SARA CORREIA \\ TERESA SALGUEIRO

Beatriz Felício & Geadas

Edu Miranda: "Fado no Chorinho"

"Em Casa d'Amália" ao Vivo: Por José Gonçalez com: Raquel Tavares; Ângelo Freire; Flávio César Cardoso; Jorge Fernando e Vânia Duarte

Lenita Gentil

Miguel Moura

Pedro Moutinho

Teresinha Landeiro

Artur Batalha

Associação Fado Cale Fundão: Flávia Pereira, Lara Rodrigues e Leonel Barata

Beatriz Felizardo e Vítor Miranda

Carmo Moniz Pereira

"Casa de Fado" - "Mesa de Frades": Pedro Castro convida: Tânia Oleiro, Rodrigo Rebelo de Andrade e Ana Sofia Varela

Cristina Clara

Escola de Fado de Alverca

Fadistas do Porto cantam Hermínia Silva: Adriana Paquete, Ana Pinhal e Cátia de Oliveira

Fado à Janela: Jorge Silva, Miguel Monteiro e José Manuel Rodrigues

Francisco Moreira

Francisco Salvação Barreto

Gustavo Pinto Basto

Inês Pereira e Luís Capão

João Caldeira

José da Câmara

José Leal

Júlio Resende

Luís Caeiro

Mário Lundum

Maria Amélia Proença

Matilde Cid

Mel

Ricardo Luiz

Ricardo Mesquita e Ana Marta

Sandra Correia

Sónia Santos e Jaime Dias

Soraia Cardoso

Pedro Galveias

Peu Madureira

Teresa Brum

santacasaalfama.com

CASAS DE FADO
CONTACTOS

LISBOA

ASSOCIAÇÃO FADO CASTO
Rua de São Mamede nº 8A, 1100-058 - Alfama
Tlf.: +351 917 029 436
Email: associacaodofadocasto@gmail.com
Site: www.associacaodofadocasto.pt

A BAIUCA
Morada: Rua de São Miguel nº20 - Alfama
Tlf.: +351 939457098
Email: abaiuca@sapo.pt
https://www.facebook.com/profile.

CANTO DO POETA
Rua dos Remédios nº111, 1100-304 - Alfama
Tlf.: +351 917 029 436
Email: cantodopoeta.fado@gmail.com
Site: www.cantodopoeta.pt

CLUBE DE FADO
Rua São João da Praça nº 86-94, 1100-521 - Alfama
Tlf.: +351 218 852 704
Email: clubedefado@fadoandfood,pt
Site: www.clube-de-fado.com

FAMA D´ALFAMA
Rua do Terreiro do Trigo nº80, 1100-604 - Alfama
Tlf.: +351 925 428 317
Email: famadealfama@gmail.com
www.facebook.com/restaurantefamadalfama

GUITARRAS DE LISBOA
1 Beco do Melo - Alfama
Tlf.: +351 21 880 9928
Email: info.guitarrasdelisboa@gmail.com
www.facebook.com/Guitarrasdelisboaoficial/

MESA DE FRADES
Rua dos Remédios nº 139 A, 1100-445 - Alfama
Tlf.: +351 917 029 436
Email: mesadefrades@gmail.com
Site: www.mesadefrades.pt

PORTA DE ALFAMA
Rua do Vigário nº 70 E/F, 1100-616 – Alfama
Tlf.: +351 960 141 909
Email: tininhalfama@live.com.pt
www.facebook.com/tininhadealfama/

SÃO MIGUEL DE ALFAMA
Rua de São Miguel nº9, 1100-542 - Alfama
Tlf.: +351 968 554 422
Email: info@saomigueldalfama.com
Site: www.saomigueldalfama.com

SEGREDO DE ALFAMA
Rua do Vigário nº 70 E/F, 1100-616 – Alfama
Tlf.: +351 926 107 717
Email: osegredodalfama@gmail.com
Site: www.osegredodalfama.com

TASCA DA BELA
Rua dos Remédios nº190, 1100-445 - Alfama
Tlf.: +351 926 077 511
Email: tascadabelacasadefados@gmail.com
Site: www.tascadabela.eatbu.com

MARIA DA MOURARIA
Largo da Severa nº2, 1100-584 - Mouraria
Tlf.: +351 934 450 130
Email: mariadamouraria@gmail.com
Site: https://mariadamouraria.eatbu.com

SENHOR VINHO
Rua do Meio à Lapa, nº18, 1200-723 – Bairro da Lapa
Tlf.: +351 962 315 485
Email: reservas@srvinho.com
Site: https://www.srvinho.com

O FAIA
Rua da Barroca nº 54-56, 1200-050 – Bairro Alto
Tlf.: +351 213 426 742
Email: cafeluso@fadoandfood.pt
Site: https://www.ofaia.com

ADEGA MACHADO
Rua do Norte, n.º 91, 1200-284 – Bairro Alto
Tlf.: +351 213 422 282
Email: adegamachado@fadoandfood.pt
Site: https://www.adegamachado.pt

PORTO

CAFÉ LUSO
Travessa da Queimada n.º 10, 1200-365 Lisboa
Tlf.: +351 213 422 281
Email: info@ofaia.com
Site: cafeluso@fadoandfood.pt

ARCADAS DE S. JORGE
Rua de Miragaia nº 55, 4050-386 - Porto
Tlf.: +351 910 271 416
Email: info@arcadasportofado.pt
Site: https://arcadasportofado.pt

CASA DA MARIQUINHAS
Rua de São Sebastião nº 25, 4050-568 - Porto
Tlf.: +351 915 613 877
Email: info@casadamariquinhas.pt
Site: www.casadamariquinhas.pt

FADO PORTUGUÊS
Rua Valente Perfeito nº301-213, 4400-330 Vila Nova de Gaia
Tlf.: +351 915 543 950
Email: reservas@fadoportugues.pt
Site: https://www.fadoportugues.pt

MAL COZINHADO
Rua do Outeirinho nº13, 4050-450 - Porto
Tlf.: +351 222 081 319
Email: reservas@malcozinhado.pt
Site: http://www.malcozinhado.pt

O FADO
Rua de São João Novo 16, 4050-431 Porto
Tlf.: +351 919 710 157
Email: info@ofado.com
Site: https://ofado.com

COIMBRA

TABERNA REAL DO FADO
Rua Dr. Barbosa de Castro nº 58, 4050-090 - Porto
Tlf.: +351 927 755 914
Email: info@realfado.pt
Site: https://realfado.pt

À CAPELLA
Capela da Victória, Rua do Corpo de Deus, 3000-122 - Coimbra
Tlf.: +351 925 786 939
Email: mail.acapella@gmail.com
Site: http://www.acapella.com.pt

DILIGÊNCIA BAR
Rua Nova nº 30, 3000-297 - Coimbra
Tlf.: +351 239 821126
Email: diligenciacoimbra@gmail.com
Site: https://www.facebook.com/DiligenciaBar/

QUEBRA O GALHO
Rua do Quebra Costas nº 12, 3000-340 - Coimbra
Tlf.: +351 918 651 595
Email: quebragalhocoimbra@gmail.com
Site: http://www.quebragalho.pt

CAFÉ SANTA CRUZ
Praça 8 de Maio, Coimbra, Portugal
Tlf.: +351 239 833 617
Email: geral@cafesantacruz.com
Site: https://cafesantacruz.com

FADO AO CENTRO
Rua do Quebra Costas nº7, 300-340
Tlf.: +351 913 236 725
Email: info@fadoaocentro.com
Site: https://fadoaocentro.com

ALGARVE

ARCADAS DO FADO
Avenida 5 de Outubro nº85, 8135-016 – Almancil
Tlf.: +351 289 398 113
Email: geral@arcadasdofado.com
Site: https://www.arcadasdofado.com

MADEIRA

SABOR A FADO
Travessa das Torres nº10, 9060-314 Funchal
Tlf.:+351 925 612 259
Email: saborafado@hotmail.com
Site: https://restaurante-sabor-a-fado.negocio.site

FUNDÃO

ASSOCIAÇÃO FADO CALE
Rua da Cale nº33, 6230-378 Fundão
Tlf.: +351 932 244 848
Email: fadocale@gmail.com
Site: https://www.fadocale.pt

ESTAMOS CÁ
POR UM BEM MAIOR

Acreditamos que não é o dinheiro
que faz girar o mundo
mas sim o bem que se pode fazer com ele.

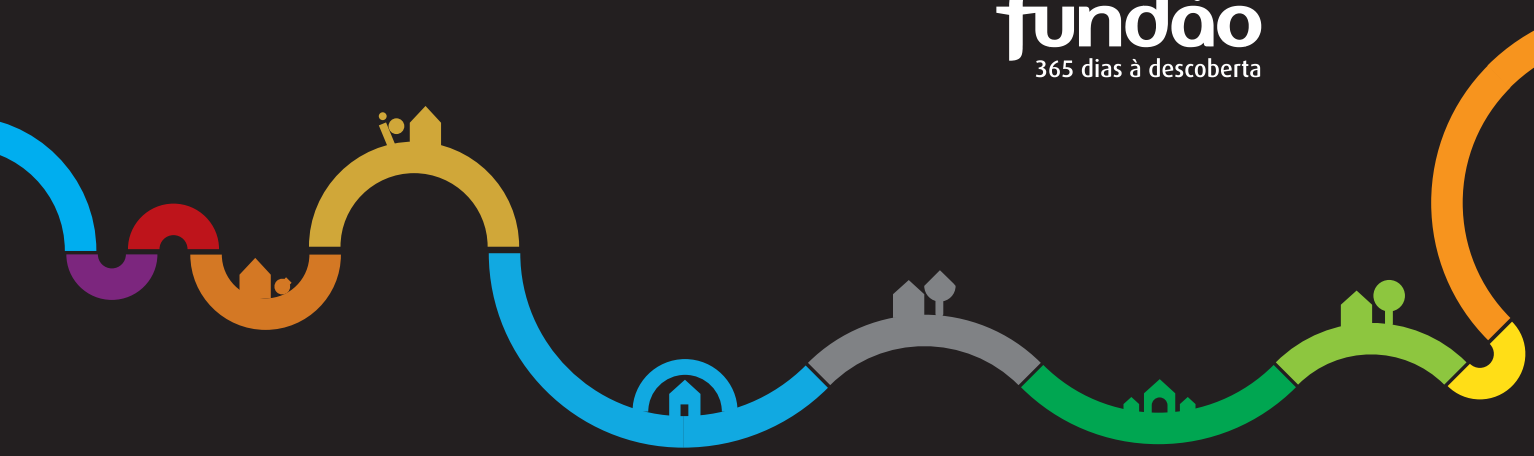
Para mais informações:

creditoagricola.pt • 808 20 60 60

Atendimento personalizado 24h/dia, 7 dias/semana

CA
Crédito Agrícola
Região do Fundão e Sabugal

fundão
365 dias à descoberta



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CASAS E LUGARES DO SENTIR
FUNDÃO

CASA DO BARRO _ TELHADO
CASA - MUSEU D. ILDA VALENTIM _ SILVARES
CASA DAS TECEDEIRAS _ JANEIRO DE CIMA
CASAS DOS OFÍCIOS _ SOUTO DA CASA
CASA DAS MEMÓRIAS DE ANTÓNIO GUTERRES _ DONAS
CASA DA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE _ PÓVOA DE ATALAIA
CASA DA ROMARIA DE SANTA LUZIA _ CASTELEJO
CASA DO MEL _ BOGAS DE CIMA
CASA DO BOMBO _ LAVACOLHOS
CASA DA PASTORÍCIA _ SALGUEIRO – TRÊS POVOS
CASA DA CEREJA _ ALCONGOSTA
CASA DO BARQUEIRO _ JANEIRO DE CIMA
CASA DO QUEIJO _ ORCA

CENTRO **UNESCO**

www.visitfundao.pt

www.cm-fundao.pt